



A LITURGIA COMO LINGUAGEM DA RELIGIÃO NO IMAGINÁRIO ANGLICANO

Josilene Silva da Cruz

Graduada em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário (Gepai).
E-mail: josileneufpb@gmail.com

Eunice Simões Lins Gomes

Pós-doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).
Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB e
coordenadora do Gepai. *E-mail:* euniceslgomes@gmail.com

RESUMO

O objetivo de nosso estudo consistiu em analisar, por meio da hermenêutica simbólica, os principais símbolos litúrgicos anglicanos e, em seguida, identificar a estrutura do imaginário presente para analisar o aspecto sagrado dos símbolos litúrgicos, verificando, com isso, os aspectos da liturgia como linguagem da religião. A metodologia de investigação foi a pesquisa descritiva de campo, e, como instrumento para coleta dos dados, utilizamos a observação participante. Como resultado da análise, foi efetuado um recorte dos principais símbolos litúrgicos que revelam a identidade anglicana, sendo possível perceber na prática a relevância da liturgia como uma possibilidade de linguagem religiosa.

PALAVRAS-CHAVE

Hermenêutica simbólica. Liturgia. Religião. Imaginário. Anglicanismo.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando que os símbolos sempre estiveram presentes nas relações humanas e que seus registros são de períodos muito anteriores aos atuais, como os presentes na arte rupestre, que tinham como principal função a comunicação, ressaltaremos neste artigo a relevância da utilização dos símbolos como uma proposta da linguagem religiosa, pois acreditamos

que o símbolo permite maior aproximação com o inacessível e relação de intimidade com o sagrado. Portanto, ele é “uma representação que faz aparecer um sentido secreto, ele é a epifania de um mistério” (DURAND, 1988, p. 15).

Nosso estudo foi realizado com os membros comungantes da Igreja Anglicana, na qual foi possível identificar, em seu culto, a liturgia como uma das possibilidades da linguagem religiosa, bem como se pôde apreender o aspecto da linguagem litúrgica como da religião, em razão dos diversos símbolos utilizados a fim de transmitir a mensagem do sagrado.

Convém lembrar como a simbologia vem sendo utilizada ao longo dos anos para transmitir mensagens muito superiores ao simples ato de se comunicar ou dizer algo. Por sua vez, muitas vezes, os símbolos conseguem transmitir algo que não se pode expressar de forma convencional e ultrapassam as barreiras da normalidade, remetendo ao universo do incompreensível e sendo utilizados para esse fim, o da “compreensão simbólica” ou da imaginação simbólica, como afirma Durand (1988).

Assim, apreciar a relevância da representação simbólica na sociedade como um todo afirma o que buscamos ressaltar como fundamentação teórica: os pressupostos da “teoria geral do imaginário”, de Gilbert Durand, um estudioso da observação sensível dos fatos por meio da imaginação, que ressalta o estudo do imaginário e do pensamento simbólico, evidenciando a função e o valor do símbolo, da imaginação simbólica e do homem como um ser compulsivamente simbólico.

Portanto, realizamos o entrelaçamento entre o universo dos símbolos e da religião como vertentes das relações humanas, e vislumbramos em nossa pesquisa essas relações e as possíveis influências que uma pode exercer sobre a outra. Além de Gilbert Durand, relacionamos outros teóricos que ressaltam a relevância do símbolo e da liturgia como linguagem religiosa.

Compreendemos que o imaginário é o conjunto de imagens e relações destas que constituem o capital pensado do *Homo sapiens* (DURAND, 2002). Fundamentamos o estudo com as observações efetuadas durante a coleta dos dados em toda pesquisa realizada, sendo possível identificar, durante o processo do culto litúrgico da Igreja Anglicana que selecionamos para a realização da nossa pesquisa etnográfica, como a forte presença da liturgia torna-se um processo de comunicação utilizado pelos membros comungantes.

De acordo com Durand (1988, 2002), o imaginário é considerado a essência do espírito, e o pensamento, em sua totalidade, encontra-se integrado na função simbólica. Assim, o autor desenvolve a sua teoria com base na bipartição dos gestos, os quais ele chama de “dois regimes de imagens”, o diurno e o noturno, fundamentando-se na tripartição dos gestos, que são as estruturas dominantes: heroica, mística e dramática, cada qual com seus respectivos símbolos. Foi com base no estudo dessa tripartição dos gestos dominantes que buscamos identificar em quais desses regimes e estruturas do imaginário se encontram os símbolos utilizados durante o processo do culto litúrgico da Igreja Anglicana.

O símbolo diferencia-se do signo por remeter a várias possibilidades de interpretação, enquanto o signo aponta para um caminho interpretativo.

Para Durand (1988, p. 13), os signos arbitrários seriam indicativos, remeteriam a uma realidade significada e representável, enquanto os signos alegóricos figurariam concretamente uma parte da realidade que significam. Esse signo que se refere a um sentido e não a um objeto sensível é operado pela imaginação simbólica, sendo o símbolo “a recondução do sensível, do figurado, ao significado”; mas, além disso, pela própria natureza do significado, é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante (ALMEIDA, 2012, p. 11).

Apoiando-nos nessa exposição de Durand (1988 apud ALMEIDA, 2012), selecionamos alguns símbolos utilizados durante o processo litúrgico do culto anglicano e, com base na hermenêutica simbólica, realizamos a análise dos símbolos religiosos anglicanos. Sobre esse aspecto diferenciado do símbolo religioso, destacamos que o

[...] símbolo constitui, como diz Cassirer, “uma parte mundo humano da significação”: aquela que não se pode apresentar *diretamente* à sensibilidade. Assim, para seguir o exemplo proposto por Eliade, quando uma árvore se converte em objeto de culto, já não é uma árvore que é venerada, mas se converte em *hierofania*, isto é, em manifestação do sagrado. Em outras palavras, a árvore possui um significado que, em última instância, é simbólico, porque remete a seres ou valores sobrenaturais (MARDONES, 2006, p. 88).

Consideramos que o significado simbólico se encontra frequentemente nas relações do homem com sua divindade, ou seja, não é a representação da coisa em si, mas o sentido a que ela conduz. Simbolicamente, os utensílios e os objetos presentes em determinado rito de alguma religião se transfiguram e passam a receber outro significado que não o real ou apresentável.

A igreja selecionada para nossa pesquisa de campo localiza-se em João Pessoa (PB) e faz parte de uma paróquia emancipada; possui mais de 60 membros confirmados. É formada por um número aproximado de 120 membros, tendo como principal fonte de fé a Bíblia. Os sacramentos presentes em sua liturgia são o batismo e a ceia do Senhor (comunhão). Sua identidade é “cristãos anglicanos”, e seus líderes religiosos podem ser denominados reverendos ou pastores, tendo como representante maior a figura do bispo.

Então, catalogamos os principais símbolos litúrgicos e analisamos, com a teoria geral do imaginário, de que modo foi possível apreender o aspecto sagrado dos símbolos litúrgicos e identificar os aspectos da liturgia como linguagem da religião entre os membros comungantes. Desse modo, realizamos uma pesquisa etnográfica e, durante o culto, observamos a vivência do grupo anglicano com seus símbolos litúrgicos, sendo possível selecionar a pesquisa descritiva de campo, que consiste em descrever, registrar, analisar e interpretar fenômenos atuais que objetivem seu funcionamento no presente. Também utilizamos a observação participante como instrumento para coleta dos dados.

2. AS ESTRUTURAS DE SENSIBILIDADE E OS SÍMBOLOS LITÚRGICOS

Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, foi possível identificar que, no culto anglicano, diversos elementos simbólicos poderiam ser utilizados, sendo necessário fazer um recorte, uma delimitação de nosso estudo para realizar a abordagem e a análise, pelo viés antropológico adotado. Após a seleção dos símbolos, desenvolvemos a análise e a relacionamos à tripartição dos gestos ou às estruturas de sensibilidade propostas por Durand (2002). Em seguida, destacamos a relação

entre os comungantes anglicanos e seus símbolos, além de ressaltarmos a relevância da liturgia para a configuração do culto.

A tripartição dos gestos ou a estrutura de sensibilidade, que constituem os caminhos trilhados pelo imaginário para se refugiar ou enfrentar as angústias existenciais da vida humana, é responsável pela classificação ou ordenação dos símbolos encontrados no trajeto antropológico. Nelas, podemos classificar os símbolos em três grandes grupos ou estruturas: heroica, mística e dramática, que, por sua vez, fazem parte de dois regimes: o diurno e o noturno, conforme podemos conferir a seguir:

Durand estrutura a sua teoria em dois regimes, o diurno e o noturno, que se aglutinam no imaginário, em torno de núcleos organizadores da simbolização. E estes núcleos são polarizados, portanto, em cada núcleo ou polo existe uma força homogeneizante, ordenadora de sentido – seja, de um lado, heroico (regime diurno), seja de outro lado, místico e dramático (regime noturno) [...] em três estruturas, gestos ou reflexos, que gravitam em torno de três estruturas: postural, digestiva e copulativa, que são dadas pela reflexologia, ou seja, pelos reflexos primordiais. Para isso, é preciso lembrar que a base do pensamento de Durand (2001, p. 54) assenta-se na Escola Reflexológica de Betcherev (1933) e Kostyleff (1947) e que para esta escola existe uma estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas. [...] Desse modo, é através desta classificação das imagens que poderemos compreender os sentidos simbólicos (GOMES, 2013, p. 18).

No momento da delimitação do estudo, com base na observação efetuada, optamos por um recorte dos símbolos mais visíveis ou mais representativos para os anglicanos durante a Celebração Eucarística, que, segundo eles mesmos, é o “ápice” de seu culto, e assim classificamos, conforme as estruturas de sensibilidade do imaginário, que são estruturas *figurativas* correspondentes no dinamismo simbólico:

As estruturas são formas dinâmicas, sujeitas a transformações, passíveis de serem tipificadas e de modificarem o campo imaginário. Esse caráter dinâmico das estruturas permite que sejam concebidas como estruturas figurativas, correspondem ao

“isomorfismo os esquemas, arquétipos e símbolos no seio dos sistemas míticos ou de constelações estáticas”. Nesse sentido, são estruturas de sensibilidade, pois são motivadas pelo aspecto racional, conceitual das imagens quanto por sua dimensão sensível, poética, afetual (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 19).

Após o recorte do estudo, iniciamos a nossa análise com os símbolos presentes no altar anglicano que foram selecionados para o desenvolvimento da análise, vejamos:

Figura 1 – Alfa e ômega



Fonte: Fonseca (2013).

Alfa e ômega (Figura 1), símbolos que significam, respectivamente, o princípio e o fim, é uma das representações simbólicas mais utilizadas nas liturgias cristãs por serem associadas ao próprio Cristo. Encontramos esse símbolo representado nos paramentos do altar e na vestimenta dos reverendos, bordado nas estolas. Essa interpretação desse símbolo (associado ao princípio e o fim) é partilhada por muitas denominações cristãs, sobretudo as que se utilizam da linguagem simbólica da liturgia, mesmo tendo sido absorvida de outra cultura, conforme informação a seguir.

Essas duas letras encontram-se no início e no fim do alfabeto grego. Por considerar-se que contém a chave do universo, este está inteiramente encerrado entre essas duas extremidades. Alfa e Ômega simbolizam, portanto, a *totalidade* do conhecimento, a totalidade do ser, a totalidade do espaço e do tempo. O autor do Apocalipse atribui essas duas letras a Jesus Cristo, a testemunha fiel, o primogênito dos mortos, e o príncipe dos reis da terra. “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor Deus: Aquele que é, Aquele que era, e Aquele que há de vir, o Todo-Poderoso” (Apocalipse, 1, 4-8) (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 29).

Esses símbolos que nos remetem ao princípio e ao fim, de acordo com a análise pelo viés da teoria geral do imaginário, podem ser encontrados nos dois regimes, ora diurno, ora noturno, porque se, no regime diurno, temos a antítese, a separação, podemos associá-lo ao fim; se, no regime noturno, temos a harmonia, a união, a unidade, podemos associá-lo ao princípio. Porém, reafirmamos a consideração de Durand (2002), resgatando o agrupamento de imagens do tempo e da morte, que, nesse símbolo, pode ser encontrado no ômega associado ao fim.

Segundo Durand (2002, p. 51-65), “o agrupamento de imagens do tempo e da morte” forma-se em torno da angústia que a passagem do tempo produz, engendrando três categorias: as imagens teriomorf¹, relacionadas à animalidade inquietante; as imagens nictomorf², relacionadas à noite escura; e as catamorf³, relacionadas ao esquema da queda. Entretanto, diante dessas imagens inquietantes, representativas da angústia e da morte, surgem respostas que tendem a “apaziguar a força negativa da vivência do tempo e da morte”, como afirma Durand (2002, p. 16).

Nesse sentido, encontramos no regime diurno a figura da antítese, que põe o herói em atitude de confronto, sendo estabelecida pela espada e pela purificação em meio a pensamentos transcendentais, manifestando-se nas constelações simbólicas. Também podemos encontrar diversos símbolos que remetem à ascensão, à verticalidade, à elevação etc., que indicam uma condição de encontro com o transcendente. Assim, os símbolos ascensionais equilibram os símbolos catamorfos, pela dominante da verticalidade e pelos rituais de elevação; é a reconquista de uma potência perdida.

Por sua vez, os símbolos espetaculares, da luz, que equilibram os nictomórficos, também são encontrados entre os símbolos litúrgicos anglicanos, a exemplo da Bíblia, que se remete a essa luz, como verificaremos adiante.

¹ Os símbolos teriomorfos são aqueles vinculados à animalidade angustiante representados simbolicamente pelo fervilhamento, pela animação (movimento de grandes animais) e pela mordicância.

² Os símbolos nictomorfos remetem à escuridão, às trevas e à água escura, e são representações desses símbolos.

³ As imagens catamorfos correspondem à experiência dolorosa de infância, queda, vertigem, medo, abismo etc.

Os símbolos diairéticos, representantes da separação, da purificação, equilibram os teriomorfos pelos rituais de purificação; são os símbolos de que a imaginação dispõe para cortar, separar e distinguir da animalidade, o valor espiritual (DURAND, 2002, p. 88-124).

Na sequência, classificamos alguns símbolos que encontramos na chamada estrutura de sensibilidade mística, como o cálice e a âmbula (figuras 2 e 3, respectivamente), conhecidos como vasos sagrados, sendo os mais representativos de acordo com a seguinte exposição:

O pão e o vinho são elementos mais plenos de sentido e de simbolismo na celebração da Eucaristia, juntamente com as pessoas celebrantes e o livro da Palavra. Por isso, deveriam mostrar-se muito visivelmente nos diversos momentos de seu uso. [...] Sobre o altar, o pão e o vinho são os dois elementos que devem ficar mais visíveis para a comunidade. [...] O cálice para o vinho é o “vaso” litúrgico mais importante. Deve ser digno, artístico, “de materiais sólidos, que sejam considerados nobres segundo o apreço comum em cada região” (ALDAZÁBAL, 2005, p. 229-230).

Figura 2 – Cálice



Fonte: Fonseca (2013).

Os chamados vasos sagrados são os símbolos mais conhecidos e representativos na celebração eucarística, e, para os membros anglicanos, também são muito relevantes, conforme foi possível identificar no processo de observação dos dados. São classificados como “muito importantes” para os participantes do culto litúrgico, sendo a segunda imagem mais representativa (a primeira foi a Bíblia).

De acordo com a teoria durandiana, esses símbolos (figuras 2 e 3) remetem ao regime noturno com os símbolos da

intimidade, mais especificamente à moradia e à taça, em que se configura a estrutura de sensibilidade mística, que consiste na inclusão e remete ao eufemismo no qual encontramos a inversão das imagens negativas, transformando o combate que se encontra na estrutura heroica em harmonia, junção, união, ventre, acolhimento (GOMES, 2013) e no isomorfismo⁴ trazido por Pitta (2005, p. 32) mediante a seguinte afirmação:

A moradia e a taça [...] com o sentido de centro de espiritualidade íntima, ainda vão ser encontradas as imagens de nave (da igreja) e nave (do navio), a arca [...], o ovo cósmico (como aqueles dos quadros de J. Bosch), o vaso (*vaisseau* significa vasilha, vaso, nave), as *taças litúrgicas* (destinadas a rituais religiosos: o Santo Graal, por exemplo) o estômago, todos contendo a intimidade secreta e preciosa.

Figura 3 – Âmbula



Fonte: Fonseca (2013).

A âmbula ou píxide (Figura 3) também é um símbolo bastante significativo e, assim como o cálice, contém o outro elemento simbólico mais representativo do culto, que simboliza o corpo de Cristo. É uma espécie de cálice de tamanho maior e com tampa, sendo feita a consagração das obreias nesse recipiente⁵.

As taças litúrgicas também podem ser simbolicamente associadas ao lugar de repouso, de encontro, de intimidade e de refúgio, pois nelas estão contidas “o alimento” que sustenta

⁴ Isomorfismo é uma correspondência biunívoca entre os elementos de dois grupos que preserva as operações de ambos (FERREIRA, 1997).

⁵ As obreias são os elementos que representam o corpo de Cristo e que, no rito católico romano (missa), são conhecidas como hóstias.

e fortalece a fé dos cristãos que acreditam na eucaristia. Todas as aflições e perturbações que encontramos no dia a dia são reduzidas quando conseguimos entrar em um estado de repouso, de recolhimento, como nos sugerem esses símbolos, que nos indicam esse lugar especial de refúgio e, ao mesmo tempo, de restabelecimento da força por meio do alimento.

Essa estrutura de sensibilidade remete a um sentido de penetração, a um centro que, nessa perspectiva de análise, propõe um sentido de inversão, ou seja, características próprias da estrutura mística em uma descida, ao ventre, ao centro, em uma oposição à elevação transcendente para uma penetração da profundidade, como podemos perceber no ocorrido com a digestão (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012).

Figura 4 – Cruz celta



Fonte: Fonseca (2013).

A cruz foi selecionada em nosso recorte porque é encontrada em várias vertentes cristãs, mas, em se tratando especificamente do grupo anglicano, identificamos a *cruz celta* que simboliza, com esse círculo, o mundo e o próprio Jesus Cristo no centro do mundo⁶. Sobre o simbolismo da cruz celta, trazemos a seguinte exposição:

[...] a cruz celta se inscreve num círculo que suas extremidades ultrapassam, de modo que ela conjuga o simbolismo da cruz e do círculo. Poder-se-ia acrescentar um terceiro: o do centro, pelo fato da existência de uma pequena esfera no centro geométrico da cruz e no meio dos braços de inúmeros exemplos arcaicos de cruz (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 313).

⁶ Informação verbal dada pelo reverendo deão da Igreja Concatedral Anglicana, em João Pessoa (PB).

A *cruz vazia* representa, para os anglicanos, a vitória de Cristo sobre a morte. Ela simboliza o próprio Cristo e condensa, segundo a tradição cristã, toda a história da salvação. É um dos símbolos existentes desde a Antiguidade em lugares como China, Egito, Creta, entre outros (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009).

A cruz ainda remete aos aspectos de horizontalidade, colocando Cristo em uma condição de igualdade humana, e na verticalidade, apontando para cima e para o alto, indicando sua condição divina e soberana. E, na relação com a teoria geral do imaginário, podemos associá-la ao grupo dos símbolos da estrutura de sensibilidade sintética ou dramática, que, para Durand (2002, p. 346), se trata de “uma estrutura de harmonização de contrários”, como o que ocorre com seus aspectos de verticalidade e horizontalidade que se fundem ao serem associados ao Cristo.

Figura 5 – Bíblia



Fonte: Fonseca (2013).

Por sua vez, a Bíblia se constitui como um símbolo bastante representativo para os anglicanos. Encontra-se sobre o altar sempre aberta, o que nos remete a um sentido conforme a indicação de Aldazábal (2005, p. 278):

Esse livro aberto, à vista do povo, continua sendo o que ilumina o restante da celebração eucarística e toda a vida da comunidade. [...] A Palavra viva de Deus nesta ocasião, a comunhão com o Cristo que nos fala.

Para os anglicanos, a Palavra é percebida em um lugar privilegiado. Já na relação com a teoria de Gilbert Durand, podemos encontrar esse símbolo no regime diurno inserido no grupo dos símbolos da estrutura heroica, mais especificamente no grupo dos símbolos espetaculares (relativos à visão).

Desse modo, podemos ainda encontrar outras exposições que ressaltam esse aspecto da Palavra como luz, aquilo que ilumina o caminho, conforme encontramos na própria escritura a menção a essa luz na passagem do Salmo (Sl 119: 105-106), que diz:

¹⁰⁵Tua palavra é lâmpada para os meus pés,
e luz para o meu caminho.

¹⁰⁶Jurei, e sustento:

observar as tuas normas justas

(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2003, p. 994).

Desse modo, confirmamos nossa colocação tanto na teoria do imaginário quanto no sentido teológico, pois é para guiar, iluminar, esclarecer e descortinar as obscuridades da vida que se propõe a Palavra. Suspeitamos que talvez seja por isso ser tão relevante para os anglicanos esse símbolo litúrgico, que também é bastante representativo para grupos evangélicos de outras vertentes cristãs.

Em momentos diversos, foi possível identificar essas constatações quando sempre nos remetíamos à questão-problema de nossa pesquisa: “qual será o momento mais importante da liturgia do culto anglicano?”, e identificamos o momento da liturgia da Palavra ou do Sermão, que também está diretamente ligado a ela, porque o reverendo faz sua exposição fundamentando-se nos textos bíblicos expostos durante o culto, quando sempre acontecia reflexão, silêncio e concentração por boa parte dos membros comungantes presentes.

Esclarecemos que, em nosso estudo, foi possível perceber a relevância dos símbolos litúrgicos utilizados na comunhão para os anglicanos e qual o sentido que eles proporcionavam. Partimos do pressuposto de que os anglicanos possuem identificação e reverência aos elementos utilizados em seu culto. Porém, entre os símbolos delimitados para nossa análise, a Bíblia sobressai como o mais importante para eles.

3. A LINGUAGEM LITÚRGICA

Neste trecho de nossa exposição, ressaltamos os aspectos da liturgia como linguagem da experiência religiosa, aprofun-

dando os preceitos cristãos de liturgia como sinal visível e demonstração da ação humana de inserção no mistério pascal. Ainda pretendemos demonstrar o aspecto comunicativo da liturgia como forma de linguagem que abarca as ações, os gestos, as posturas, os paramentos e os objetos litúrgicos como formas de expressão de uma mensagem que convida fiéis para uma ação mediante o tempo vivido.

Para tanto, apoiamo-nos inicialmente no uso do termo *linguagem* mediante a exposição de Sartori e Triacca (1992, p. 629), dizendo que “O termo ‘linguagem’ é hoje usado para designar os muitos sistemas de sinais e de significados através dos quais ocorre a comunicação”; por isso, “as definições de linguagem são frequentemente encaradas com ceticismo”.

Desse modo, podemos considerar que a liturgia se propõe ao papel de se constituir como “um sistema de sinais e de significados por meio dos quais ocorre a comunicação” (FERREIRA, 1997, p. 427), porque, pelo viés da linguagem litúrgica, se busca transmitir as posturas aos fiéis comungantes, convidando-os a um mergulho nesse tempo vivido, primeiramente, por Cristo e, agora (como um tempo memorial), por eles.

Assim, consideramos relevante demonstrar nossa opção pelo termo *linguagem*, que se dá pelo fato de entendermos que ele abrange um universo de possibilidades e de códigos, e no qual podemos identificar a liturgia, que, por sua vez, abrange outras vertentes, como os próprios fenômenos da natureza, o tempo e outras instâncias de que apenas o rito e seus componentes não dariam conta, embora reconheçamos que é no rito que essas instâncias se tornam visíveis e reconhecíveis.

Partimos do pressuposto de que a linguagem litúrgica é uma espécie de linguagem não verbal, muito embora na liturgia do culto exista o momento da liturgia da palavra, muitos dos elementos encontrados na linguagem litúrgica transmitem sua mensagem sem a necessidade de verbalização, a exemplo do tempo representado pelas cores, do corpo e sangue de Cristo, vistos por meio do cálice e da âmbula (ou píxide), entre outros símbolos que poderíamos citar e que têm seu papel específico no rito cristão.

Os elementos utilizados na liturgia são diversos e, na busca pelo sentido, fundamentam-se em “três fontes: os elementos da natureza que formam o cosmos, a história da humanidade e a História da Salvação prolongada no tempo da

igreja” (BECKHÄUSER, 2012, p. 31). Com isso, percebemos a intensa variedade de elementos de que a liturgia se utiliza para representar o mistério pascal e ainda a promoção do plano de salvação proposto por Jesus de Nazaré e aceito por vários grupos cristãos espalhados pelo mundo.

No grupo dos elementos da natureza, podemos citar a água como uma representação do mar e que simboliza vida, purificação e renovação, assim como ocorre no batismo; o incenso, representando o ar, é utilizado em muitos ritos da Igreja Católica romana e que remete simbolicamente à oração que se conduz ao céu; a vela, representando a luz, também é uma possível alusão ao céu ou à abóboda celeste; o fogo (também exposto pelas velas) remete ao Espírito Santo e aos ritos de purificação; e ainda a terra simbolizada pelos frutos do trabalho humano representados pelo vinho (proveniente da uva e do fruto do trabalho do homem) e pelo pão (que advém do trigo e que só se processa por meio da intervenção humana).

Podemos considerar que, por meio das ações litúrgicas, o homem se torna “protagonista da liturgia, em íntima dependência de Deus e em relação com Deus Salvador” (HARING, 1998, p. 23). Essas ações podem promover uma nova conduta por parte do fiel, sendo ele convidado a se tornar, também, um sinal visível dessa relação de intimidade com Deus, e essa ação realizada na liturgia dá aos fiéis a oportunidade de se tornarem “sinais vivos” dessa nova conduta ou postura ofertada pela religião, juntamente com o entrelaçamento a sua fé.

Em razão da diversidade de símbolos litúrgicos encontrados no culto anglicano, justificamos o recorte realizado em nosso estudo ressaltando alguns símbolos selecionados como os mais representativos, a exemplo dos vasos sagrados, a Bíblia, a cruz anglicana, o alfa e o ômega, representados nos paramentos do altar, elementos que relacionamos à teoria geral do imaginário, alguns dos mais relevantes para membros comungantes dessa religião. Ainda justificamos nossa opção pelos símbolos eucarísticos porque

[...] na liturgia eucarística, *expressamos* e vivenciamos o mistério pascal com os mesmos ritos deixados por Jesus na última ceia ao profetizar sua morte, e que agora celebramos, seguindo o mandamento dele: “Façam isto em minha memória”. [...] A vida, morte e ressurreição de Jesus são reconhecidos, na fé,

como atuação de Deus na história da humanidade. [...] na última ceia antes de sua morte, com palavras e com gestos simbólicos: tomou o pão e o vinho, pronunciou a bênção [...]. Ao celebrarmos seu memorial somos misticamente feitos *participantes* do fato da história da salvação [...] a própria liturgia é chamada de “mistério” atuação discreta, misteriosa de Deus [...] (BUYST, 2011, p. 28-29, grifo nosso).

De acordo com essa exposição, podemos perceber o grau de relevância da liturgia eucarística para os fiéis, pois suspeitamos que é por meio dela que o comungante se sente parte integrante do mistério e da proposta salvífica ofertada pelo próprio Cristo. A liturgia pode ser considerada um memorial e, ao mesmo tempo, a ação concreta desse “reviver” o sacrifício de Jesus Cristo.

Ressaltando esse aspecto da liturgia como inserção no memorial de Cristo, ainda nos apoiamos nas palavras de Maraschin (2010, p. 50), que afirma que “A liturgia eucarística, em qualquer dos casos, acabou se transformando em forte instrumental para efetivar entre os fiéis a misteriosa presença de Cristo”.

Por meio da liturgia eucarística e da utilização de seus símbolos, essa presença se torna visível e convida todos os crentes para fazer parte desse mistério proposto pela celebração cristã. No culto, a utilização desses símbolos e outros elementos (cânticos, sermão, orações etc.) formam um conjunto de ações que inserem o fiel comungante nesse memorial cristão, de forma real e visível, transcendendo o caráter simbólico que possa ter a celebração.

Conforme a configuração proposta pela liturgia, ao participar do culto, o fiel também se torna partícipe do memorial de Cristo, e, com isso, podemos apreender o caráter de santificação ofertado pela liturgia.

Chama-se de liturgia, em geral, os atos públicos religiosos realizados com a intenção primeira de adorar e louvar a Deus. Esses atos são de diferentes tipos. Concentram-se ao redor dos sacramentos e são emoldurados por ofícios diários [...]. No anglicanismo, por exemplo, diz-se que os sacramentos são sete, porém, com a seguinte distinção: dois instituídos por Cristo (batismo e

eucaristia) e os outros cinco, aprovados pela igreja, considerados “menores” ou meramente “ritos sacramentais” (MARASCHIN, 2010, p. 53).

Ressaltamos que as correntes do anglicanismo na atualidade são diversificadas, e essa proposição pode não corresponder à totalidade das igrejas anglicanas existentes, mas acreditamos que seja essa a prática de sua maioria, a exemplo da igreja abordada em nossa pesquisa. Segundo informação encontrada na obra *Anglicanismo: identidade, relevância, desafios*, de um de seus líderes, o bispo Robinson Cavalcanti (2009), os sacramentos presentes em sua liturgia são batismo e eucaristia, porém, durante o desenvolvimento da pesquisa, pudemos presenciar uma cerimônia de confirmação ou crisma, o que comprova o caráter sacramental desse rito, visto como uma “profissão de fé”.

O caráter de santificação proposto pelos sacramentos reforça essa concepção de recepção “pela fé”. Desconfiamos que seja essa a condição primordial para que qualquer fiel ou membro comungante se sinta apto à santificação, fazendo parte desse memorial e mistério pascal. “A liturgia eucarística, em qualquer dos casos, acabou se transformando em forte instrumental para efetivar entre fieis a misteriosa presença de Cristo” (MARASCHIN, 2010, p. 50).

A apreciação do sacramento da eucaristia entre os anglicanos se fundamenta nos artigos da religião, mais especificamente no artigo XXVIII, que indica:

A Ceia do Senhor “não é só um sinal do mútuo amor que os cristãos devem ter uns para com os outros, mas antes é um Sacramento da nossa Redenção pela morte de Cristo, de sorte que para os que devida e dignamente, e com fé, o recebem, o Pão que partimos é uma participação do Corpo de Cristo; e de igual modo, o Cálice da Benção é uma participação do Sangue de Cristo” (CAVALCANTI, 2009, p. 42).

Com isso, apreendemos a condição necessária para a realização desse mistério e, ao mesmo tempo, uma santificação a que o fiel se propõe. Ele (o comungante) precisa primeiramente demonstrar fé no sacramento ali presente e, assim, se inserir nele, fazendo parte desse “Corpo e Sangue”. Apenas acreditar não é suficiente, ele precisa se dispor a se transformar por meio

do sacramento, e esse ato participativo repetido com frequência dá ao membro a oportunidade de se regenerar e se arrepender de seus pecados, convidando-o a não mais cometê-los.

Portanto, seus membros partícipes se dispõem a uma mudança de vida, a uma nova conduta, tendo como referência o próprio Deus na pessoa de Jesus Cristo. Com a inserção na comunidade dos crentes, por meio do batismo, e, posteriormente, com a alimentação da fé, por meio da eucaristia, o homem encontra a possibilidade de se encontrar (simbolicamente) com esse Deus, percebendo, nesses ritos, um Deus acessível que, muitas vezes, se apresenta até mesmo como um de nós.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construímos nossas considerações finais respondendo à nossa proposta de estudo, que se constituiu em catalogar e analisar, por meio da hermenêutica simbólica, os principais símbolos utilizados no culto litúrgico e, em seguida, identificar qual a estrutura do imaginário presente, de modo que fosse possível apreender o aspecto sagrado dos símbolos litúrgicos e identificar os aspectos da liturgia como linguagem da religião.

Constatamos nossa hipótese de uma linguagem litúrgica como linguagem da religião com base nos teóricos em que fundamentamos nossa análise e que apresentam essa configuração da liturgia, sendo possível apreender esse aspecto comunicativo da linguagem litúrgica. Ainda pudemos identificar as formas diferenciadas que a religião anglicana utiliza na liturgia para realizar essa comunicação, a exemplo dos paramentos do altar, no ambiente da própria igreja (púlpito, cruz celta na parede), mas de forma mais expressiva nos seus sacramentos: o batismo e a eucaristia.

Consideramos relevante citar como a função dos símbolos, nessa forma de linguagem, é imprescindível, pois, nas celebrações e nos cultos cristãos, de um modo geral, sempre encontramos a simbologia presente, seja em seus paramentos do altar, seja em seu ambiente, seja nas vestes de seus líderes etc. Os símbolos que têm essa função de condução ao inacessível nos possibilitam, também, a conexão com o sagrado por meio de suas representações e seus significados diversos.

Em nosso entendimento, a utilização dos símbolos nos ritos e nos cultos cristãos possibilita uma aproximação do sagrado, que se torna acessível e, em muitas situações, se encontra na mesma dimensão que seus comungantes, por isso acreditamos que seja este o papel central da liturgia: aproximar Deus e o homem, além de dar ao homem a oportunidade de se comunicar com este Deus por meio da inserção no próprio mistério pascal, sendo a liturgia (principalmente as sacramentais) o instrumento utilizado para realizar esse encontro e essa inserção.

No entanto, com a pesquisa realizada, reafirmamos os aspectos relevantes da linguagem religiosa por meio das ações litúrgicas. Nelas, o homem é quem protagoniza as ações, usando como referência a ação do próprio Deus (no caso específico da Igreja Anglicana, na pessoa de Jesus Cristo). A liturgia expressa um convite a “um mergulho” no mistério pascal; os membros comungantes revivem esse mistério por vários caminhos ofertados pela liturgia: a participação no culto, a vivência por meio dos sacramentos, a inserção nos tempos litúrgicos etc.

Partimos do pressuposto de que esses caminhos ofertados pela liturgia podem até variar de uma igreja para outra, mas sempre ocorre uma busca por um único caminho, uma única representação, os mesmos tempos seguindo o calendário litúrgico, as vestes, os paramentos, entre outros elementos que se assemelham pela utilização dos mesmos símbolos, e isso pode ser apreendido pela observação de seu culto.

Em nossa análise, também foi possível perceber a liturgia como um lugar de vivenciar os mitos; de certo modo, ela abarca muitas características pertencentes ao mito, como o tempo cíclico. As ações remetem ao retorno do tempo já vivido como *anamneses*⁷ em alguns ritos, como o que ocorre na eucaristia. A ação litúrgica promove essa rememoração, que permite que o fiel, ao se inserir na ação, possa transcender essa condição de simples fiel, quase se igualando à sua divindade.

Contudo, em nosso estudo, a análise realizada com base na teoria proposta por Gilbert Durand favoreceu abstrair que os símbolos litúrgicos podem ser classificados na convergência simbólica ora no regime diurno, ora no regime noturno. As estruturas de sensibilidade (heroica, dramática e mística), nas quais encontramos e classificamos esses símbolos, indicam-nos

⁷ Trata-se de reminiscência ou recordação.

esse caminho de várias possibilidades, o que é próprio do símbolo, que sempre sugere significados diferenciados.

Portanto, a pesquisa realizada nos proporcionou verificar a relevância dos símbolos para esse grupo religioso e também de sua liturgia, que conduz membros comungantes ao memorial de Cristo vivenciado nos tempos litúrgicos, ou seja, a liturgia promove simbolicamente a inserção do fiel no período ou no tempo vivido por Cristo; ela proporciona uma intimidade entre o fiel e sua divindade.

Assim, podemos inferir que a linguagem litúrgica nos remete a uma das possibilidades que o símbolo nos proporciona: o estímulo do imaginário, pois podemos perceber que, por meio de objetos, cores, alimento etc., os membros são conduzidos para outra dimensão: a simbólica, em que o vinho é o sangue, a obreia é o corpo, o verde não simboliza apenas esperança, mas também a espera de um novo tempo, e assim por diante. Daí a relevância da liturgia como linguagem da religião, pois ela não só representa as posturas e os comportamentos dos membros anglicanos, mas também os comunica, os aponta e os indica.

Desse modo, identificamos a liturgia e seus símbolos como fios condutores que levam os anglicanos no rito da comunhão a uma conexão com a sua divindade, no caso o próprio Jesus Cristo, ou seja, os símbolos evocam algo ausente que se renova com o ritual litúrgico, seja por meio da participação no culto, seja pela inserção realizada pelos crentes por meio dos sacramentos, que são os sinais visíveis dessa religião que exalta a Palavra e a eucaristia como sendo os pilares da fé anglicana.

LITURGY AS LANGUAGE OF RELIGION IN THE ANGLICAN IMAGINARY

ABSTRACT

The aim of our study was to analyze by means of symbolic hermeneutics, the main Anglican liturgical symbols and then identify the structure of the imaginary present, grasp the sacredness of the liturgical symbols in order to verify the aspects of the liturgy as the language of religion. The research

methodology was descriptive field research, observation and participant were used as an instrument for data collection. As a result of the analysis we made a cutout of the main liturgical symbols that reveal the Anglican identity, realizing, in practice, the relevance of the liturgy as a possibility of religious language.

KEYWORDS

Symbolic hermeneutics. Liturgy. Religion. Imaginary. Anglicanism.

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, J. *Gestos e símbolos*. Tradução Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ALMEIDA, R. Mitocrítica e mitanálise no campo da hermenêutica simbólica. In: BECKHÄUSER, A. *Celebrar bem*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BECKHÄUSER, A. *Celebrar bem*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.
- BUYST, I. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CAVALCANTI, R. *Anglicanismo: identidade, relevância, desafios*. Recife: Edição do Autor, 2009.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1988.
- DURAND, G. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1994.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, J.-P. *Instituições religiosas: judaísmo, catolicismo, islamismo e igrejas saídas da Reforma*. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Paulinas, 2003.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.

FONSECA, J. *Arte*. João Pessoa: UFPB, 2013.

GOMES, E. S. L. *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

GOMES, E. S. L. *Um baú de símbolos na sala de aula*. São Paulo: Paulinas, 2013.

HARING, B. A Dimensão terapêutica da liturgia: liturgia como terapia, saúde e salvação no universo ritual. In: DAL PINO, F. et al. *Liturgia e terapia: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 23-40.

MARASCHIN, J. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: Aste, 2010.

MARDONES, J. M. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006.

PITTA, D. P. R. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

SARTORI, D.; TRIACCA, A. M. (Org.) *Dicionário de liturgia*. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.